

**A ‘Ciência’ que (des)autoriza e/ou (in)disciplina sujeitos não-hegemônicos: suas metáforas e analogias**

**Liane Schneider (Universidade Federal da Paraíba)**

A idéia desta mesa temática foi a de propor uma discussão sobre o exercício científico e as relações sociais, raciais e de gênero, gerada durante discussão estabelecida entre alguns membros do GT da ANPOLL ‘A mulher na literatura’, no decorrer do último “Fazendo Gênero”, na cidade de Florianópolis. A idéia era propor uma discussão sobre quais os efeitos de visões hegemônicas de “ciência” e como essas se relacionam com a inclusão e exclusão de novos agentes em campos do conhecimento imediatamente identificados como “científicos”.

Casualmente no começo do mês de setembro um dos telejornais da TV aberta brasileira divulgou um projeto de pesquisa médica levado a cabo na região sudeste, propondo acompanhar a vida de um grupo de crianças selecionadas pelo período de 100 anos, com o objetivo de garantir tal longevidade às crianças participantes da pesquisa. Ao longo da entrevista foi cogitado que as equipes responsáveis pelas coletas de dados e análises terão de ser substituídas, já que os pesquisadores, hoje adultos, não sobreviverão o período previsto para que as etapas finais da pesquisa sejam atingidas. Já nessa primeira fase do trabalho fica explícito seu objetivo: garantir longevidade a um grupo de crianças, de forma que qualquer sinal precoce indicativo de doença possa ser sanado antes que um mal maior as afete. É óbvia a situação bastante especial em que se encontram as crianças foco dessa pesquisa se as compararmos a outras tantas. Também é claro que pesquisas sempre têm de eleger um público alvo, buscando trazer avanços posteriormente a um espectro mais amplo.

Contudo, não pude deixar de considerar que, enquanto as eleitas para essa pesquisa provavelmente chegarão aos 100 anos, com seus dados, seus históricos familiares e exames acompanhados de perto por ótimos especialistas de diversas áreas médicas, através de um projeto aprovado com fundos e apoio de diversos grupos e instituições nacionais e internacionais, outras tantas crianças morrerão dia após dia de fome, vítimas de desnutrição, pobreza, falta de assistência e de saneamento básico, alguns entre tantos outros motivos atrelados, de uma forma ou outra, as nossas mazelas sociais. Com isso não quero sugerir que a pesquisa mencionada seja desnecessária ou inútil; apenas quero levantar a questão quanto a quais projetos são escolhidos e aprovados por órgãos de fomento ou pela iniciativa privada, inclusive com grandes investimentos de longo prazo, e quais as instituições ou grupos que a maior parte dessas buscas científicas tendem a beneficiar num primeiro momento.

É sabido que os estudos imediatamente atrelados às ciências no imaginário ocidental geralmente não são os que circulam pelos campos das artes e humanidades. A tentativa de marcar os territórios das engenharias, da matemática, da física, e até da medicina, entre outros, como as “verdadeiras ciências” esteve certamente atrelado a questões que envolvem o status social cultural e historicamente construído dessas áreas. Portanto, uma revisão sobre como se consolidou essa compreensão um tanto limitada quanto ao que seria ou não científico ainda se faz necessária.

Nancy Stepan, teórica estadunidense, já propunha, em 1990, no seu artigo “Raça e gênero: o papel da analogia na ciência”, discutir os motivos pelos quais o discurso científico tendeu historicamente a ser lido como não-metafórico por excelência. A ciência estaria para a exatidão, para o discurso reto, direto, objetivo, sem rodeios e sem as analogias típicas do discurso metafórico. A ciência, quando metafórica, era chamada

de “pseudociência”. Sondra Farganis (1997, p.226) ainda complementa tal idéia afirmando que se costumava entender, no passado recente, que a ciência “oferecia uma linguagem precisa: conceitos ou definição de termos que podiam ser combinados de maneira lógica; objetos que podiam ser estudados através de métodos de observação e descrição; (...) leis que podiam ser testadas (...)”. A autora contesta tal neutralidade, destacando que a precisão dos termos nunca será desinteressada, seja qual for o território científico, já que “o conhecimento é fundamentado na política”. Na verdade, a ciência “é uma atividade humana e, como tal, reflete as formas pelas quais determinadas atividades são definidas, compreendidas, dotadas de significado e avaliadas por determinada sociedade’ (Farganis, p.229). Um olhar comprometido com a posição das minorias no que se refere à prática e teoria científica certamente se preocupa também com a atuação do/da cientista a fim de verificar até que ponto essa pode e deve estar comprometida com a eliminação da opressão e a dominação de grupos não-hegemônicos.

Nesse sentido, Nancy Stepan discute uma histórica analogia científica que muito interessa aos estudos feministas e étnico-raciais – ou seja, aquela estabelecida entre raça e gênero. Na verdade, foi esse discurso que embasou todo o debate sobre a ‘variação humana’ ao longo dos séculos 19 e 20. A diferença racial já estava claramente no centro dessa discussão sobre diferenças ao longo do século XIX. Já que o gênero vinha crescendo como mais um eixo de discussão sobre a variação humana, diversas analogias entre seres humanos foram construídas ao longo do eixo Sexo-Raça.

Como é sabido, um dos resultados dessas pesquisas foi que os cientistas da época, com base em medições de largura de crânio, peso do cérebro, mandíbulas salientes ou não, definiram e identificaram possíveis semelhanças entre sujeitos

femininos e tantos outros sujeitos não-brancos – todos marcados como inferiores em relação ao sujeito masculino branco. A mulher era vista como primitiva em relação ao homem branco e todas as outras raças também seriam mais próximas do mundo selvagem do que do civilizado. Assim, o discurso científico hegemônico definiu as raças não-brancas como estando atreladas ao “feminino” das espécies humanas, e as mulheres, à raça inferior do gênero (Cf. Stepan, p.74). A seguinte citação de Stepan deixa claro o lugar ocupado pelos “desviantes”, que não se enquadravam no paradigma de subjetividade do caucasiano masculino:

Analogicamente às raças inferiores, a mulher, o desviante sexual, o criminoso, os pobres das cidades e os insanos eram, de um modo ou de outro, considerados ‘raças à parte’, cujas semelhanças entre si e as diferenças com o homem branco “explicam” suas posições inferiores e diferentes na hierarquia social (p.75).

Tais discursos tentavam explicar as razões para as diferenças entre sujeitos, desculpando ou justificando desigualdades e tratamentos diferenciados, que, com base num aparente “rigor teórico”, indicavam falar em nome da “Ciência”.

Dessa forma, as mulheres e as ditas “raças inferiores” foram analógica e rotineiramente unidas na literatura antropológica, biológica e médica dos anos 60-70 do século XIX, resultando num complexo sistema de semelhanças e diferenças que se constituía ao longo de um discurso técnico. Nesse sentido, as mulheres em geral tornaram-se mais “parecidas” e mais próximas dos sujeitos não-brancos. Que tipo de semelhança era essa considerada? (já que, como discute Stanley Fish, semelhança é algo que não é encontrado, mas estabelecido). “Foi a metáfora que relacionou raças inferiores e mulheres, por exemplo, que deu a importância às supostas diferenças entre as formas das mandíbulas femininas e masculinas” (Stepan, p.85); As metáforas, então, a partir de sua capacidade de construir similaridades e diferenças, criam novos conhecimentos ou formas de saber. Ainda segundo Nancy Stepan (p. 78), o sistema

metafórico fez surgir as “lentes” através das quais as pessoas experimentam e registram as diferenças entre classes, raças e sexos. Entre o homem civilizado e o selvagem; entre ricos e pobres; entre a criança e o adulto e, portanto, é muito difícil enxergar-se qualquer dessas relações livre desses padrões de pensamento.

É importante destacar também que aqueles dados que não foram vistos como importantes ao longo da história das ciências acabaram não sendo coletados, medidos, guardados. Da mesma forma, medidas que não se enquadrassem na proposta inicial de comparações foram, aos poucos, sendo descartadas. Também é importante lembrar que “do mesmo modo como as metáforas na ciência tornam-se familiares ou lugares comuns, elas tendem a perder sua natureza metafórica, sendo tomadas literalmente” (Stepan, p.90). A tendência das metáforas se tornarem dogmáticas e serem vistas literalmente como verdadeiras e não metafóricas é particularmente forte nas ditas “ciências duras”, em razão da identificação da linguagem científica com a linguagem da realidade e objetividade (p.90). É como se afirmar em algum momento que o corpo humano funciona como uma máquina transformaria, de fato, todas as possibilidades desse corpo em uma leitura funcional das partes que o compõe, que devem estar harmonizadas, programadas, reguladas. Portanto, a metáfora aqui se transforma na própria forma de existir desse corpo mecanizado.

Dentro desse campo de pesquisas, cabe colocarmos uma pergunta fundamental – por que umas analogias foram escolhidas e destacadas ao longo da história e outras descartadas? O fato de haver “arbitrariedades” envolvidas em tais escolhas ajuda-nos a questionar a cientificidade que está na base de algumas dessas aproximações analógicas. No caso das diferenças raciais e das analogias implícitas, fica claro que era do interesse da mentalidade escravagista apontar e valorizar as diferenças entre grupos de

indivíduos, tendo tais aspectos sido utilizados como justificativa para a opressão imposta aos negros. Já no que se refere ao sexo, o movimento feminista, desde seus primeiros ensaios, já questionava o uso da diferença sexual como justificativa para a opressão e restrição de direitos no que se refere à grande parcela da população, ou seja, a quase metade das sociedades do globo.

Se analisarmos essa problemática a partir de uma compreensão mais contemporânea do que se pode entender por ‘ciência’, fica claro que nem o tamanho (do cérebro, dos membros, dos lábios) de qualquer sujeito nem o fato de esse ser ou não portador de útero podem determinar o maior ou menor desempenho intelectual ou inserção social que esse terá. Se estabelecermos aqui uma analogia entre cérebro e o processador de um computador, nos parece claro que o menor é muitas vezes mais eficiente, mais ágil, mais prático. Portanto, toda a lógica baseada em valores que levaram essas analogias entre tamanho de órgãos, diferença de corpos, merecem ser (e foram, de fato) colocadas seriamente sob suspeição na contemporaneidade, bem como o senso comum que resultou da incansável repetição das mesmas, que as naturalizou. Essa “dita” ciência claramente racializada e sexualizada não teve, na verdade, quase nenhum caráter objetivo e distanciado, características supostamente atreladas ao discurso científico. De fato, as metáforas deram suporte a um determinado olhar científico ou pseudocientífico de uma época onde a demarcação de territórios estava sendo definida com base na organização entre os sujeitos e seus ‘outros’.

Sandra Harding em seu livro *Science and social inequality: feminist and postcolonial issues* (Ciência e desigualdade social: tópicos feministas e pós-coloniais), de 2006, nos coloca a seguinte questão: As ciências modernas impulsionam, de fato, o progresso social? Claro que tal pergunta terá uma resposta que depende do que

definimos como ‘ciência’ e ‘progresso social’. Ao longo de seu livro, Harding aprimora ainda mais sua pergunta - seria a ciência, de fato, racista? Ela demonstra que realmente não foram apenas leituras médicas ou biomédicas de corpos brancos e não-brancos que se desenvolveram ao longo de discursos científicos comprometidos com visões e explicações racistas de mundo. Muitas vezes tópicos de interesse científico de outras áreas também se mostraram distantes das necessidades de avanço arquitetadas por minorias raciais ou sociais. Até mesmo se pensarmos, por exemplo, nas verbas usadas para desenvolvimento de pesquisa espacial ou bélica, podemos concluir que grande parte do gasto nas áreas científicas não se compromete com a melhoria do bem-estar dos sujeitos vistos como “comuns” sobre a terra. Na verdade, pesquisas e investimentos em áreas estratégicas de vários países tendem mais a manter os privilégios, conservando as estruturas sociais e as agendas hegemônicas praticamente congeladas. Obviamente sempre houve e haverá cientistas que não se atrelam a linhas racistas ou conservadoras de pesquisa, mas, com certeza, esses ainda não são maioria e seria necessário, segundo o olhar de Harding, que houvesse mais do que uma “simpatia” desses pelas causas das minorias; seria importante que pessoas inseridas nos mais diversos campos das ciências tomassem como prioridade o empoderamento de sujeitos marginalizados a partir de uma visualização do arranjo mais racional das forças de poder.

Contudo, na prática científica dos tempos contemporâneos se percebe que ainda há sérios laços entre projetos científicos, projetos raciais e projetos eurocêtricos. Mesmo cientistas bem intencionados podem, portanto, estar atuando no sentido de inconscientemente reforçar projetos que discriminam e oprimem grupos minoritários, a não ser que, como defende Sandra Harding (2006, p.21), esses coloquem suas pressuposições em perspectiva com movimentos políticos anti-racistas. As disciplinas

de pesquisa, as conferências, as práticas de publicações, os museus, os projetos de educação pública de todas as áreas estão imersos nas instituições sociais dominantes que tiveram (e têm) interesses, políticas e práticas identificadas com os centros de poder (Cf. Harding, p.21). Portanto, em todos esses terrenos seria fundamental que se pensasse e se propusesse novos olhares científicos menos comprometidos com o *establishment*, buscando construir uma ciência consciente quanto ao lugar que ocupa na sociedade e quanto às formas pela qual essa interpela os diferentes sujeitos sociais.

O terreno da produção literária e cultural parece abrir um leque para discussões e representações que podem nos libertar, pelo menos temporariamente, dos apertados liames imediatamente identificados com o campo científico mais tradicional. O olhar crítico, assim, também pode propor-se a construir uma “ciência” que esteja, desde o início, em posição de deslocamento, de errância; onde os significados de uma área sejam usados propositadamente, analógica e metafóricamente, de modo a liberar novas possíveis compreensões do que se entende por ‘cultura’, ‘ciência’ e ‘subjetividade’. Quando Libby Scheier, escritora canadense, em seu poema “Pênis”<sup>1</sup> brinca com a história e as teorias construídas em torno de tal órgão masculino, certamente ela está subvertendo alguns discursos reforçados pelo jargão biológico e psicanalítico. Vale mencionar aqui alguns versos que compõem o poema de Scheier, tradução minha do original em inglês:

### **Pênis – 1**

(...)

Já estamos irritadas com os pênis.  
Os psiquiatras  
Os empurraram para baixo de nossas goelas por muito tempo.  
A inveja do pênis e outras bobagens  
Portanto, há reações.

Os pênis são um saco por que

São tão vulneráveis, pendurados daquele jeito...  
 E os homens se preocupam tanto com a forma como eles ficam pendurados  
 Pênis não são consistentes.  
 Eles fazem exigências absurdas  
 (...)

Vamos encarar:  
 Os pênis não têm boa aparência  
 Eles podem ser divertidos, mas não são bonitos.

(...)  
 Como parte do corpo humano,  
 O pênis é bem interessante.  
 Funcional, bem-humorado, imprevisível.  
 Como *container* de todo o corpo masculino,  
 incluindo-se aí o cérebro,  
 O pênis se torna uma chatice.

Obviamente esse discurso não é científico, nem se pretende como tal, sendo parte de uma antologia de poemas. No entanto, ele é ou pode indicar uma reação ao senso comum, uma resposta às imposições e validações culturais extremamente atreladas aos sistemas patriarcais e a discursos pseudocientíficos. Libby Scheier desconstrói um pouco as relações sociais de gênero, ridiculariza formas excessivamente falocêntricas de se perceber o mundo, o corpo humano, a máquina humana de prazer e reprodução. Se a ciência ou pseudociência oprime quando separa, discrimina e (des)organiza hierarquicamente, uma resposta eficaz se constrói metaforicamente nas ranhuras de tal discurso, na desconstrução de suas certezas e verdades. Talvez por isso a indisciplina e o humor sejam fortes instrumentos de resistência a serem utilizados por sujeitos antes desautorizados a questionar tantas definições que a ciência lhes impôs ao longo dos tempos. Se Libby Scheier afirma que “qualquer menino deve ver seu pênis em perspectiva, como parte do seu corpo”, talvez, analogamente, aquela antiga noção de “ciências duras” também deveria ser colocada em perspectiva, contextualizada, percebida como parte geral dos conhecimentos humanos, nem maior nem melhor do que outras áreas mais voltadas para as artes e para a produção cultural. Aliás, nem tamanho

nem dureza são características prioritárias nesse foco que propomos para o olhar científico, já que outras formas de organização de pensamento não deverão se limitar a antigas analogias construídas há tantos séculos para legitimar relações que vem atuando no inconsciente coletivo até hoje, com a finalidade de validar diferenças e, principalmente, justificar desigualdades históricas.

### **Referências bibliográficas**

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: BORDO, Susan & JAGGAR, Alison (eds.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

HARDING, Sandra. *Science and social inequality: feminist and postcolonial issues*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Ed.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1989.

SCHEIER, Libby. "Penises, 1". In: SULLIVAN, Rosemary (ed.). *Poetry by Canadian Women*. Toronto: Oxford UP, 2001.

---

### **<sup>1</sup>Penises, 1 (O poema completo de Libby Scheier)**

Freud never had one.

We're irritated with penises.  
The psychiatrists  
have shoved them down our throats for too long.  
Penis envy and other silliness.  
So there's backlash.

Penises are kind of a pain because  
they're so vulnerable hanging out there like that  
and men are so concerned about the way they hang  
out there like that.  
Penises are not consistent.  
They make foolish demands  
or lapse into abject defeatism.  
They know no happy medium.  
Penises are Jewish:  
When they fail they transfer the guilt,  
when they succeed they take all the glory.

---

Penises are funny.  
Sylvia said they look like chicken gizzards.  
I said sausage and eggs  
old monkey skin  
and hairs of an elephant's head.  
Let's face it.  
Penises are not goodlooking.  
They can be fun, but they're never pretty.

Penises hang on grown men.  
Children do not have penises.  
Or so I thought.

But I had a baby boy.  
He has a penis.  
It's small and pretty like a little finger.  
He does not yet have a piece of his brain  
in the head of his penis.  
Some days he wants to be a girl.  
Some days he wants to be a boy.  
It's no big deal for him.

He is intensely interested in trucks, trains, airplanes, boats,  
crayons, paint, playdough, books, bikes, wagons, puppets, hats,  
necklaces, blocks, dolls, dolls carriages, rabbits, and nail polish –  
which he insists in wearing since he saw it  
in the fingernails of a friend of mine.  
He doesn't confuse his interest in trucks with his penis.  
He doesn't confuse his fondness for nail polish with his penis.  
He pees with his penis.  
He plays with it.  
E likes playing with it.  
He likes aiming his piss  
and he likes his little erections.  
But he's big on his feet and toes too.  
And he greatly admires his belly button.  
Let's face it.  
He's got his penis in perspective.  
It's part of the body.

Penis envy is a theory  
that came from Freud's problem  
which was a compulsive obsession  
with penises  
which was not surprising since he never had one.

As part of the male body,  
the penis is quite a nice part.  
Functional, humorous, unpredictable.  
As container for the entire male body  
including the brain  
the penis in this case is a bore.

---

*(with apologies to bpNichol and his wonderful poem, "The Vagina")*